



Aprovou!

ELITE Resolve

FUVEST - 2016

2ª FASE



FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR

FUVEST

português

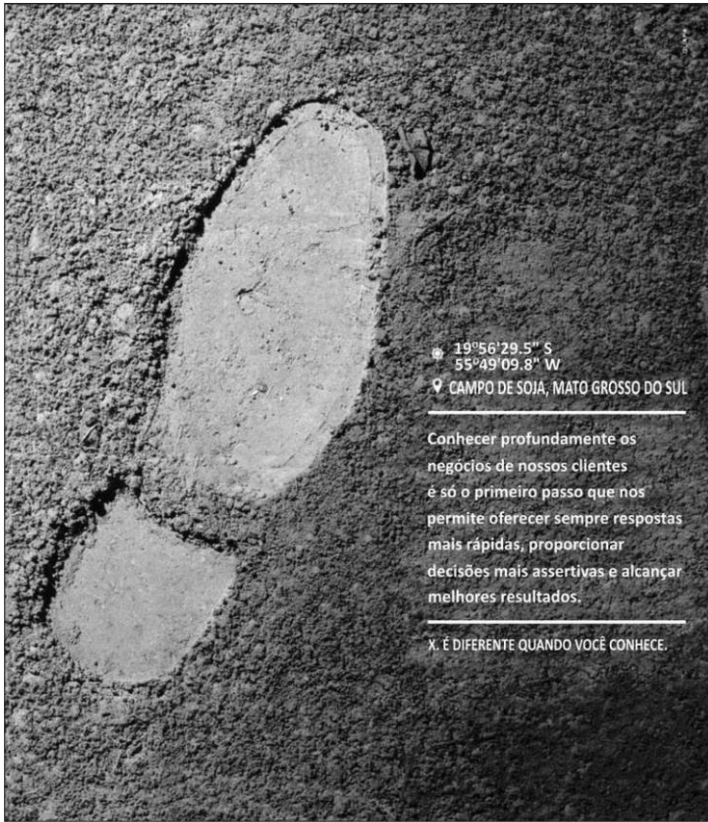
www.elitecampinas.com.br

OS MELHORES GABARITOS DA INTERNET

LÍNGUA PORTUGUESA

TEXTO

Examine este anúncio de uma instituição financeira, cujo nome foi substituído por X, para responder às questões 01 e 02.



Valor Setorial, junho de 2014. Adaptado.

QUESTÃO 01

Compare os diversos elementos que compõem o anúncio e atenda ao que se pede.

a) Considerando o contexto do anúncio, existe alguma relação de sentido entre a imagem e o slogan “É DIFERENTE QUANDO VOCÊ CONHECE”? Explique.

b) A inclusão, no anúncio, dos ícones e algarismos que precedem o texto escrito tem alguma finalidade comunicativa? Explique.

Resolução

a) Sim, é possível encontrar relações de sentido entre a imagem e o slogan da empresa. A imagem de uma pegada (impressa por um sapato social, em uma possível alusão à empresa, metaforizada pelo tipo de sapato que se usa em instituições financeiras) no chão de terra pretende indicar um esforço real por parte da empresa por conhecer os clientes; no caso do anúncio, os trabalhadores envolvidos com o plantio de soja. É possível inferir que a busca pela compreensão da realidade do cliente seria uma preocupação da empresa e, portanto, um diferencial desta, o que se encaixaria no slogan “É diferente quando você conhece”, remetendo à ideia de que trabalhar conhecendo profundamente o cliente (como faria a empresa X) é diferente, reconhecidamente melhor.

Outra interpretação possível, ainda em torno da ideia de que a empresa teria um diferencial, é a de que ela se destacaria quando o cliente fosse conhecer o seu trabalho, uma vez que este veria que ela de fato se preocupa com os negócios do cliente, a ponto de ir até o local onde ele trabalha. De acordo com esse raciocínio, “É diferente quando você conhece” funcionaria também como um convite aos clientes irem conhecer melhor o trabalho desenvolvido pela empresa.

b) Sim, há uma finalidade comunicativa, a de reforçar a ideia de precisão sobre a qual o anúncio se sustentará. As coordenadas de latitude e longitude, bem como o ícone de localização, acompanhados da localidade, reforçam a ideia de que a empresa X chegará com precisão ao seu destino, para melhor atender ao seu cliente. A mesma ideia de precisão será retomada ao longo do texto do anúncio, por meio de expressões como “respostas mais rápidas” e “decisões assertivas”.

QUESTÃO 02

Com base na parte escrita do anúncio, responda.

a) Qual é a relação temporal que se estabelece entre os verbos “conhecer”, “oferecer”, “proporcionar” e “alcançar”? Explique.

b) Complete a frase impressa na página de resposta, flexionando de forma adequada os verbos “oferecer”, “proporcionar” e “alcançar”.

Resolução

a) Existe uma relação de progressão temporal entre as ações expressas pelos verbos em destaque, como se cada atitude fosse consequência da anteriormente apontada e como se se encaminhassem para um objetivo. Para isso, a noção de “passo a passo” é explorada pelo anúncio: é necessário, primeiramente, “conhecer” o cliente, em seguida “oferecer” respostas rápidas e “proporcionar” decisões assertivas. Só assim, seria possível, finalmente, “alcançar” os melhores resultados.

O fato de todos os verbos estarem na forma infinitiva contribui para que o anúncio se revista de um contexto próximo ao do texto instrucional, ou seja, as ações expressas pelos verbos soam como recomendações da empresa X, ao mesmo tempo em que se evidencia o fato de que a empresa X é capaz de fazer tudo isso.

b) O enunciado da questão pede que as lacunas presentes no período abaixo transcrito sejam completadas, e que se façam as alterações necessárias. Para isso, é essencial entender que a construção “permite que”, no contexto, exige o uso de verbos conjugados no presente do modo subjuntivo, o que valerá para todos os verbos omitidos. Além disso, o uso do pronome oblíquo “nos”, no texto original (“... é só o primeiro passo que nos permite...”), indica que os verbos devem ser conjugados na primeira pessoa do plural:

Conhecer profundamente os negócios de nossos clientes é só o primeiro passo que permite que ofereçamos sempre respostas mais rápidas, proporcionemos decisões mais assertivas e alcancemos melhores resultados.

QUESTÃO 03

Leia este texto.

É conhecida a raridade de diários íntimos na sociedade escravocrata do Brasil colonial e imperial, em comparação com a frequência com que surgem noutra sociedade do mesmo feitio, o velho Sul dos Estados Unidos. Gilberto Freire reparou na diferença, atribuindo-a ao catolicismo do brasileiro e ao protestantismo do americano: aquele podia recorrer ao confessor, mas a este só restava o refúgio do papel. Esta é também a explicação que oferece Georges Gusdorf, na base de uma comparação mais ampla dos textos autobiográficos produzidos nos países da Reforma e da Contrarreforma. Ao passo que no catolicismo o exame de consciência está tutelado na confissão pela autoridade sacerdotal, no protestantismo, ele não está submetido a interposta pessoa.

Evaldo C. de Mello, “Diários e livros de assentos”. In: Luiz Felipe de Alencastro (org.), *História da vida privada no Brasil* _ 2.

a) De acordo com o texto, em que grupo de países os diários íntimos surgiam com maior frequência e por que isso ocorria?

b) A que expressões do texto se referem, respectivamente, os termos sublinhados no trecho “ele não está submetido a interposta pessoa”?

Resolução

a) O texto se inicia com a afirmação de que os diários íntimos eram mais frequentes na sociedade protestante americana, mais especificamente, “o velho Sul dos Estados Unidos”, e raros na sociedade do Brasil imperial e colonial. Embora o autor aponte o fato de que ambas eram sociedades escravocratas, vale-se da reflexão de Gilberto Freire acerca da natureza de suas práticas religiosas. No Brasil, onde imperava o catolicismo, as pessoas poderiam redimir seus pecados no confessor, por meio do poder investido a uma autoridade sacerdotal, já nos países em que o protestantismo era dominante, não se poderia contar com esse mecanismo para aliviar a consciência, restando às pessoas a confecção de diários íntimos. É possível afirmar, portanto, de forma generalizada, que, nos países em que o protestantismo vigorava, os diários íntimos eram mais frequentes, já que não haveria outro meio (como a confissão, para o catolicismo) de se alcançar o alívio da consciência.

b) As expressões destacadas referem-se, respectivamente, a “o exame de consciência” e “[a] autoridade sacerdotal”, como se pode observar ao retomarmos o período anterior ao trecho em destaque:

“Ao passo que no catolicismo o exame de consciência está tutelado na confissão pela autoridade sacerdotal, no protestantismo, ele não está submetido a interposta pessoa”.

Vemos que o pronome pessoal “ele” remete ao sujeito da oração que o antecede, qual seja, “o exame de consciência”. Já a referência realizada por “interposta pessoa” se revela por meio da carga semântica estabelecida entre ela e a expressão por ela retomada, visto que a autoridade sacerdotal é, como se sabe, a mediadora (de onde se pode supor “interposta”, ou seja, “colocada entre”) do processo de confissão e remissão dos pecados, de acordo com o catolicismo.

QUESTÃO 04

Leia este texto.

Nosso andar é elegante e gracioso, e também extremamente eficiente do ponto de vista energético. Somos capazes de andar dezenas de quilômetros por quilo de feijão ingerido. Até agora, nenhum sapato, nenhuma técnica especial de balançar os braços, ou qualquer outro truque foram capazes de melhorar o número de quilômetros caminhados por quilo de feijão consumido. Mas, agora, depois de anos investigando o funcionamento de nossas pernas, um grupo de cientistas construiu uma traquitana simples, mas extremamente sofisticada, que é capaz de diminuir o consumo de energia de uma caminhada em até 10%.

Trata-se de um pequeno exoesqueleto que recobre nosso pé e fica preso logo abaixo do Joelho. Ele imitiza o funcionamento do tendão de Aquiles e dos músculos ligados ao tendão. Uma haste na altura do tornozelo, a qual se projeta para trás, segura uma ponta de uma mola. Outra haste, logo abaixo do Joelho, segura uma espécie de embreagem (...).

Fernando Reinach, www.estadao.com.br, 13/06/2015. Adaptado.

a) Transcreva o trecho do texto em que o autor explora, com fins expressivos, o emprego de termos contraditórios, sublinhando-os.

b) Esse excerto provém de um artigo de divulgação científica. Aponte duas características da linguagem nele empregada que o diferenciam de um artigo científico especializado.

Resolução

a) Ao introduzir ao conhecimento do leitor o “pequeno exoesqueleto que recobre nosso pé e fica preso logo abaixo do Joelho”, Fernando Reinach caracteriza essa invenção como “uma traquitana simples, mas extremamente sofisticada”. Para o senso comum, parece contraditório um objeto que seja, a um só momento, simples e sofisticado. Ora, “sofisticado”, no sentido em que foi empregado pelo autor, parece remeter à originalidade e ao requinte do invento, ao passo que “simples” parece referir-se ao pequeno número de partes que compõem o dispositivo, ou seja, à sua singeleza, portanto.

b) Um texto de divulgação científica transmite, expõe, noticia informações sobre conteúdos acadêmicos, avanços nos estudos e resultados de testes, provenientes das universidades e centros de pesquisa, para o público em geral. Portanto, uma vez que visa a um auditório razoavelmente leigo, diferentemente daquele que é alvo das publicações de um artigo científico especializado, como as dissertações, teses e os, genericamente chamados, “papers”, sua abordagem tende a um maior didatismo. No início do excerto em questão, quando o autor menciona o desempenho da caminhada, aludindo ao consumo de feijão, numa proporção subjetiva entre combustível e performance, essa analogia bem-humorada introduz o assunto de maneira leve, despretensiosa e até cômica. A escolha vocabular também contribui para a comunicação com um público menos versado na terminologia científica, como “truque”, “traquitana”, “uma espécie de embreagem” etc., tomando o tema mais palatável.

QUESTÃO 05

Leia este texto.

O tempo personalizou minha forma de falar com Deus, mas sempre termino a conversa com um pai-nosso e uma ave-maria.

(...)

Metade da ave-maria é uma saudação floreada para, só no final, pedir que ela rogue por nós. No pai-nosso, sempre será um mistério para mim o “mas” do “não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”. Me parece que, a princípio, se o Pai não nos deixa cair em tentação, já estará nos livrando do mal.

Denise Fraga, www1.folha.uol.com.br, 07/07/2015. Adaptado.

a) Mantendo-se a relação de sentido existente entre os segmentos “não nos deixeis cair em tentação” / “mas livrai-nos do mal”, a conjunção “mas” poderia ser substituída pela conjunção e, de modo a dissipar o “mistério” a que se refere a autora? Justifique.

b) Sem alterar seu sentido, reescreva o trecho da oração citado pela autora, colocando os verbos “deixeis” e “livrai” na terceira pessoa do singular.

Resolução

a) Sim. Os segmentos “não nos deixeis cair em tentação” / “mas livrai-nos do mal” são unidos por uma relação de adição, portanto a sugestão de substituição de uma conjunção por outra dissiparia o “mistério” de que fala a autora. As gramáticas tradicionais costumam classificar os períodos em “simples” e “compostos”. Estes se subdividem nos compostos por “subordinação”, “coordenação” e “mistos”. Embora muitos gramáticos ainda desconsiderem a “correlação”, relação de interdependência entre orações, como procedimento sintático tal como o são a “subordinação” e a “coordenação”, é descritivamente eficiente que pensemos nesse tipo de construção, bastante estudado na literatura linguística, para a compreensão da relação entre os segmentos analisados. Enunciados correlatos podem ser exemplificados pela fórmula “não só... mas também”, “não só como também”, “não apenas... como”, “tanto... como” etc. No trecho do pai-nosso examinado, poderíamos inferir que se trata exatamente dessa correlação entre enunciados: “não [apenas, só, somente] nos deixeis cair em tentação, mas [também] livrai-nos do mal”. Assim, ainda que a conjunção “mas” possa soar contraditória para a autora, não há qualquer incoerência no texto da oração bíblica.

b) O trecho “não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal” deverá ser reescrito “não nos deixe cair em tentação, mas livre-nos do mal”, a fim de que se satisfaça ao enunciado da questão, isto é, que os verbos sejam conjugados na terceira pessoa do singular. Vale lembrar que tanto o imperativo afirmativo quanto o negativo para o índice pessoal você (ao qual o enunciado nos remete como “terceira pessoa do singular”) são provenientes da mesma forma do presente do subjuntivo, não apresentando qualquer mudança morfológica, diferentemente da segunda pessoa do plural que, na popular tradução do pai-nosso, alterna as vogais [e] e [a].

QUESTÃO 06

Um restaurante, cujo nome foi substituído por Y, divulgou, no ano de 2015, os seguintes anúncios:



a) Na redação do anúncio II, evitou-se um erro gramatical que aparece no anúncio I. De que erro se trata? Explique.

b) Tendo em vista o caráter publicitário dos textos, com que finalidade foi usada, em ambos os anúncios, a forma “pra”, em lugar de “para”?

Resolução

a) A redação do segundo anúncio evitou um erro ortográfico em que o verbo “Há” foi substituído pela preposição “A”, pois, a forma correta do trecho “A 10 anos, nosso Chef cria (...)” seria “Há 10 anos, nosso Chef cria (...)”. Em português, o verbo “haver” pode ser empregado pelos falantes para fazer referência a um período de tempo passado. Trata-se de uma forma impessoal, portanto, sem flexão – a que os linguistas comumente chamam “não-pessoa” e que a gramática tradicional sinaliza com a terceira pessoa do singular –, que ortograficamente se registra “há”. Por ser homófona da preposição “a”, que, dentre muitas possibilidades, nos remete a posicionamento, espacial, temporal ou discursivo, é muito comum que a forma verbal “há” seja confundida com ela.

b) Os textos publicitários têm como finalidade a criação de empatia, visando ao convencimento, à persuasão do receptor para que ele compre um produto ou uma ideia. Com efeito, os redatores de peças publicitárias, quando desejam afetar proximidade com o enunciatário,

costumam mobilizar marcas de informalidade, comumente associadas à modalidade oral da língua, menos monitorada. É a esse domínio que pertence a forma sincopada "pra", que encontra sua equivalente formal "para". Dessa maneira, cria-se uma atmosfera de proximidade e descontração, que parece ser o objetivo do anunciante. Essa proximidade da qual se vale a função conativa da linguagem reforça a sensação de exclusividade da produção gastronômica do "nosso Chef".

QUESTÃO 07

No capítulo CXIX das **Memórias póstumas de Brás Cubas**, o narrador declara: "Quero deixar aqui, entre parêntesis, meia dúzia de máximas* das muitas que escrevi por esse tempo." Nos itens a) e b) encontram-se reproduzidas duas dessas máximas. Considerando-as no contexto da obra a que pertencem, responda ao que se pede.

* "Máxima": fórmula breve que enuncia uma observação de valor geral; provérbio.

a) "Matamos o tempo; o tempo nos enterra."

Pode-se relacionar essa máxima à maneira de viver do próprio Brás Cubas? Justifique sucintamente.

b) "Suporta-se com paciência a cólica do próximo."

A atitude diante do sofrimento alheio, expressa nessa máxima, pode ser associada a algum aspecto da filosofia do "Humanitismo", formulada pela personagem Quincas Borba? Justifique sua resposta.

Resolução

a) Brás Cubas, típico representante da ociosa e tacanha burguesia do Brasil no segundo reinado, era, obviamente, adepto da lei do menor esforço. A expressão "matamos o tempo" faz clara referência à ociosidade e à ausência de esforço por parte do protagonista para exercer qualquer função. Brás se deixa levar e é levado pelas circunstâncias que se apresentam diante de si e, com isso, deixa muito claro durante a narrativa a sua volubilidade e a falta de protagonismo e de projetos que pudessem proporcionar-lhe uma vida de realizações, mais efetiva. Brás, então, "mata o tempo" e, depois de morto ("o tempo nos enterra"), na condição de defunto-autor, analisa e reflete sobre aquilo que viveu, de maneira pessimista e irônica.

b) A máxima "suporta-se com paciência a cólica do próximo" afasta-se de qualquer atitude altruísta e de solidariedade, para se aproximar do egoísmo e do hedonismo. Isso expressa um aspecto importante da filosofia do "Humanitismo", já que ela, de maneira pessimista, formula a ideia de indiferença em relação ao sofrimento alheio: o homem luta pela sua sobrevivência preocupando-se com a manutenção da sua vida e da sua felicidade, colocando o outro sempre em segundo, terceiro ou quarto planos. Em uma briga ou guerra, por exemplo, o benefício do vencedor é a desgraça do vencido, e tal desgraça é suportada tranquilamente por aquele que não a sofre.

QUESTÃO 08

Leia estes dois excertos das obras indicadas e responda ao que se pede.

(...) Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**.

Na ocasião em que Léonie partia pelo braço do amante, acompanhada até o portão por um séquito de lavadeiras, a Rita, no pátio, beliscou a coxa de Jerônimo e soprou-lhe à meia voz:

- Não lhe caia o queixo! ...

O cavouqueiro teve um desdenhoso sacudir d'ombros.

- Aquela pra cá nem pintada!

E, para deixar bem patente as suas preferências, virou o pé do lado e bateu com o tamanho na canela da mulata.

- Olha o bruto! ... queixou-se esta, levando a mão ao lugar da pancada. Sempre há de mostrar que é galego!

Aluísio Azevedo, **O cortiço**.

a) Embora os excertos pertençam a romances de diferentes estilos de época – um é romântico e outro, naturalista –, é bastante visível que, neles, o modo de representar as relações de caráter erótico apresenta várias semelhanças. Essa similaridade é sobretudo pontual, isto é, mais concentrada nesses excertos, ou, ao contrário, ela continua a ocorrer, ao longo dos romances? Explique resumidamente.

b) Em ambos os excertos, assim como no conjunto das obras a que pertencem, é notória a predisposição a retratar as personagens de origem portuguesa de um modo bastante peculiar, influenciado por uma determinada corrente de opinião, existente no contexto histórico-social dos períodos em que as obras foram escritas. Identifique esse modo de representar tais personagens e a corrente de opinião que o influencia. Explique sucintamente.

Resolução

a) Apesar de os romances em questão pertencerem a momentos distintos da literatura brasileira e, além disso, tratarem de maneira completamente diferente os grupos sociais que retratam, há uma determinada semelhança no que diz respeito à apresentação das relações erótico-amorosas. Em ambos os romances, há, no decorrer das narrativas, cenas desse tipo. A diferença é que, enquanto em *Memórias de um sargento de milícias* as relações são descritas de maneira cômica e burlesca, além de serem frutos ora do acaso, ora de uma simples e momentânea atração carnal – afastando-se, portanto, da idealização própria do Romantismo –, em *O cortiço*, as relações são fruto do instinto, animalescas, selvagens, descritas de forma a ressaltar a sexualidade e o desejo como fatores que impulsionam a vida. Dessa forma, em ambas as obras, quase a totalidade das relações amorosas – com exceção daquela final entre Luisinha e Leonardinho em *Memórias de um sargento de milícias* – apresenta-se como simples atração carnal e satisfação imediata de desejos.

b) Em *Memórias de um sargento de milícias* (1852-1853), obra que se passa no período joanino no Brasil, os portugueses são retratados de maneira caricata: Leonardo Patata é o bobalhão, amante enganado tanto por Maria da Hortaliça quanto pela Cigana. A tensão entre brasileiros e portugueses existente no século XIX, sobretudo com a maciça chegada de portugueses após a vinda da família real ao Brasil, talvez seja a razão dessa exposição caricatural das personagens portuguesas na obra.

Já em *O cortiço* (1890), romance experimental intimamente ligado às teorias científicas de sua época, dentre as quais o "determinismo de raça", os portugueses são apresentados como seres de raça superior e, portanto, plenamente humanos e plenamente capazes. Os desvios de comportamento dos portugueses que são personagens da narrativa não decorrem de anomalias ou defeitos de sua "raça", mas sim de patologias e da influência do meio no seu comportamento e na sua personalidade.

QUESTÃO 09

Leia este texto.

Mas o meu novíssimo amigo, debruçado da janela, batia as palmas – como Catão para chamar os servos, na Roma simples. E gritava:

- Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha!

Pulei, imensamente divertido:

- Oh Jacinto! E as águas carbonatadas? E as fosfatadas? E as esterilizadas? E as sódicas?...

O meu Príncipe atirou os ombros com um desdém soberbo. E aclamou a aparição de um grande copo, todo embaciado pela frescura neveda da água refulgente, que uma bela moça trazia num prato. Eu admirei sobretudo a moça... Que olhos, de um negro tão líquido e sério! No andar, no quebrar da cinta, que harmonia e que graça de ninfa latina!

E apenas pela porta desaparecera a esplêndida aparição:

- Oh Jacinto, eu daqui a um instante também quero água! E se compete a esta rapariga trazer as coisas, eu, de cinco em cinco minutos, quero uma coisa!... Que olhos, que corpo... Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva, da serra...

O meu Príncipe sorria, com sinceridade:

- Não! Não nos iludamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcádia. É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija (...).

Eça de Queirós, **A cidade e as serras**.

a) No período em que Jacinto passa a viver na serra, tornam-se relativamente frequentes, no romance, as referências à cultura da Antiguidade Clássica. Consideradas no contexto da obra, o que conotam as referências que o narrador, no excerto, faz a aspectos dessa cultura?

b) Considerando-a no contexto em que aparece, explique a expressão “nem façamos Arcádia”, empregada por Jacinto.

Resolução

a) O bucolismo, comumente sintetizado pela expressão "locus amoenus", é uma tópica recorrente na história da literatura. Esse sentimento legitima a vida despreocupada no campo, em detrimento das artificialidades das cidades, e é um dos motores da narrativa de Eça de Queirós, que explora a oposição entre metrópole e província, entre tradição e modernidade, entre o tédio da vida moderna (ou do “excesso de civilização”) e as “vantagens” da simples vida agrária. Para essa valorização, tipicamente romana, o autor recorre a um vocabulário que conota a cultura clássica, evidente referência ao berço do bucolismo e do pastoralismo, de cujas fontes beberam tantos autores de inspiração latina.

b) Jacinto, ao mencionar "Arcádia", em seu comentário ao deslumbrado Zé Fernandes, nos remete ao Neoclassicismo, um movimento de inspiração clássica, e à idealização das mulheres que grassa nas produções poéticas desse movimento literário. Seu companheiro, fascinado com a beleza de Ana Vaqueira, lhe encontra ares de "ninfa latina", "a poesia, toda viva, da serra". Jacinto contraria esse engrandecimento da figura feminina e dissipa qualquer bruma de mulher idealizada. Ainda que lhe reconheça alguns predicados, afirma que "não há ali [nela] mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina", desconstruindo o ideal com o peso do material, do natural.

QUESTÃO 10

Leia o texto.

(...) Muita gente o tinha odiado. E ele odiara a todos. Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá de novo. Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo.

A praça toda fica em suspenso por um momento. “Se jogou”, diz uma mulher, e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio. O cachorro late entre as grades do muro.

Jorge Amado, **Capitães da Areia**.



Elevador Lacerda. www.clickgratis.com.br

Para responder ao que se pede, atente para as informações referentes à localização espacial dessa cena, na qual se narram a perseguição e a morte de Sem-Pernas.

a) A cena se passa diante do conhecido Elevador Lacerda (foto acima), que vem a ser um dos mais famosos “cartões-postais” de

Salvador, Bahia. Qual é o efeito de sentido introduzido na cena por essa característica da localização espacial?

b) Observe que o Elevador Lacerda, de uso público, situa-se no desnível brusco e pronunciado que, em Salvador, separa a “Cidade Alta” (parte mais moderna da cidade, considerada seu centro econômico) da “Cidade Baixa” (sobretudo portuária e popular). Que sentido essa característica do espaço confere à cena?

Resolução

a) O elevador Lacerda é um elevador público responsável por unir as partes alta e baixa da cidade de Salvador. O suicídio de Sem-Pernas, da maneira como ocorreu, foi possibilitado pelo espaço, como podemos observar, inclusive, na comparação da personagem com um trapezista, feita pelo narrador. Perseguido pela polícia na “cidade alta”, ambiente da burguesia urbana e das classes opressoras, o menor se atira do alto do elevador, pois preferiu a morte a ser preso, espancado e humilhado. Simbolicamente, a morte de Sem-Pernas no elevador representa a opressão das classes dominantes, no livro simbolizadas pela burguesia, pela imprensa, pela polícia, pela justiça e pelo clero (com a exceção do Padre José Pedro).

b) O espaço geográfico de Salvador, pontuado na diferença entre a “cidade alta” e a “cidade baixa”, contribui para a segregação das classes sociais menos favorecidas, bem como para a opressão praticada pelas classes dominantes. A oposição socioeconômica é reforçada pelo próprio espaço geográfico, e a cidade, assim, funciona como espaço segregacionista: Sem-Pernas, ou qualquer outro habitante da “cidade baixa”, seria vítima de preconceito e discriminação na “cidade alta”.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

UTOPIA (de *ou-topia*, lugar *inexistente* ou, segundo outra leitura, de *eu-topia*, lugar *feliz*). Thomas More deu esse nome a uma espécie de romance filosófico (1516), no qual relatava as condições de vida em uma ilha imaginária denominada Utopia: nela, teriam sido abolidas a propriedade privada e a intolerância religiosa, entre outros fatores capazes de gerar desarmonia social. Depois disso, esse termo passou a designar não só qualquer texto semelhante, tanto anterior como posterior (como a *República* de Platão ou a *Cidade do Sol* de Campanella), mas também qualquer ideal político, social ou religioso que projete uma nova sociedade, feliz e harmônica, diversa da existente. Em sentido negativo, o termo passou também a ser usado para designar projeto de natureza irrealizável, quimera, fantasia.

Nicola Abbagnano, **Dicionário de Filosofia**. Adaptado.

A utopia nos distancia da realidade presente, ela nos torna capazes de não mais perceber essa realidade como natural, obrigatória e inescapável. Porém, mais importante ainda, a utopia nos propõe novas realidades possíveis. Ela é a expressão de todas as potencialidades de um grupo que se encontram recalçadas pela ordem vigente.

Paul Ricoeur. Adaptado.

A desapareção da utopia ocasiona um estado de coisas estático, em que o próprio homem se transforma em coisa. Iríamos, então, nos defrontar com o maior paradoxo imaginável: o do homem que, tendo alcançado o mais alto grau de domínio racional da existência, se vê deixado sem nenhum ideal, tornando-se um mero produto de impulsos. O homem iria perder, com o abandono das utopias, a vontade de construir a história e, também, a capacidade de compreendê-la.

Karl Mannheim. Adaptado.

Acredito que se pode viver sem utopias. Acho até que é melhor, porque as utopias são ao mesmo tempo ineficazes e perigosas. Ineficazes quando permanecem como sonhos; perigosas quando se quer realizá-las.

André Comte-Sponville. Adaptado.

CIDADE PREVISTA

(...)

Irmãos, cantai esse mundo que não verei, mas virá um dia, dentro em mil anos, talvez mais... não tenho pressa. Um mundo enfim ordenado,

*uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um.
Uma cidade sem portas,
de casas sem armadilha,
um país de riso e glória
como nunca houve nenhum.
Este país não é meu
nem vosso ainda, poetas.
Mas ele será um dia
o país de todo homem.*

Carlos Drummond de Andrade

A utopia não é apenas um gentil projeto difícil de se realizar, como quer uma definição simplista. Mas se nós tomarmos a palavra a sério, na sua verdadeira definição, que é aquela dos grandes textos fundadores, em particular a Utopia de Thomas More, o denominador comum das utopias é seu desejo de construir aqui e agora uma sociedade perfeita, uma cidade ideal, criada sob medida para o novo homem e a seu serviço. Um paraíso terrestre que se traduzirá por uma reconciliação geral: reconciliação dos homens com a natureza e dos homens entre si. Portanto, a utopia é a desapareição das diferenças, do conflito e do acaso: é, assim, um mundo todo fluido – o que supõe um controle total das coisas, dos seres, da natureza e da história.

Desse modo, a utopia, quando se quer realizá-la, torna-se necessariamente totalitária, mortal e até genocida. No fundo, só a utopia pode suscitar esses horrores, porque apenas um empreendimento que tem por objetivo a perfeição absoluta, o acesso do homem a um estado superior quase divino, poderia se permitir o emprego de meios tão terríveis para alcançar seus fins. Para a utopia, trata-se de produzir a unidade pela violência, em nome de um ideal tão superior que justifica os piores abusos e o esquecimento da moral reconhecida.

Frédéric Rouvillois. Adaptado.

O conjunto de excertos acima contém um verbete, que traz uma definição de utopia, seguido de outros cinco textos que apresentam diferentes reflexões sobre o mesmo assunto. Considerando as ideias neles contidas, além de outras informações que você julgue pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha o seu ponto de vista sobre o tema – As utopias: indispensáveis, inúteis ou nocivas?

Instruções:

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Comentários

Como de costume, a proposta de redação do vestibular da Fuvest neste ano de 2016 seguiu um viés filosófico ao abordar como tema “Utopia”, tomando como base o livro de mesmo nome de autoria de Thomas More. Certamente não era necessária a leitura prévia da obra para o encaminhamento da redação, uma vez que a coletânea, composta por seis textos de gêneros e posicionamentos diversos, era suficiente para uma mínima contextualização do tema e seus possíveis encaminhamentos.

Para efeitos desta explanação, contudo, cabe discorrer brevemente sobre o romance supracitado. Em “Utopia”, More descreve uma sociedade considerada, por ele, ideal, contrária à Inglaterra da época, dominada pelo rei Henrique VIII, quando a terra era a principal fonte de riqueza e trazia consigo também poder político e status. A abolição da propriedade privada, nesse sentido, é uma das maneiras com que More demonstra sua revolta contra o dinheiro, a desigualdade material e a concentração de riquezas, dentre outros aspectos. Por tratar-se de uma realidade alternativa, a palavra “utopia” passou a fazer referência à ideia de idealização, a um projeto distante e inatingível. Cabe, no entanto, a observação de que “Utopia” organiza-se a partir de um relato fictício do viajante português Rafael

Hitlodeu, que teria participado na expedição de Américo Vespúcio. Assim, a ilha de More, embora fictícia, situa-se geograficamente na América, o “novo mundo” – um lugar, portanto, não somente alcançável, mas símbolo de esperança.

É justamente com base nessas duas perspectivas sobre o conceito de “utopia” (realidade alcançável versus perfeição irrealizável) que se desenvolve a frase-tema da redação da Fuvest: **As utopias: indispensáveis, inúteis ou nocivas?** Ao assumir esta ou aquela impressão sobre a ideia de “utopia”, o candidato se vê preparado para argumentar em torno do benefício ou do prejuízo das diversas utopias (o plural indica não só a importância de se extrapolar a utopia referenciada por More, como também a aplicação do conceito e variadas instâncias e esferas) e, assim, chegar à conclusão sobre sua (in)dispensabilidade e/ou (in)utilidade. Nesse sentido, os textos da coletânea fornecem subsídios para que fosse possível defender quaisquer posicionamentos.

O primeiro, em destaque já no topo da página destinada à proposta de redação, faz referência ao romance de Thomas More e define, por tratar-se de um verbete, o conceito de “utopia”, alertando o candidato para dois aspectos importantes: (1) a expressão positiva inerente ao conceito (“... que projete uma nova sociedade, feliz e harmônica”) e (2) sua interpretação negativa (“... projeto irrealizável, quimera, fantasia”). O candidato poderia, então, trabalhar com possíveis desdobramentos de cada concepção para chegar às balizas da frase-tema (“indispensável”, “inútil”, “nociva”).

O segundo, uma adaptação do texto de Paul Ricoeur, já apresenta uma perspectiva positiva do conceito: de acordo com ele, a utopia seria um elemento importante para mostrar às pessoas diferentes possibilidades, alternativas à realidade, de modo que elas deixem de enxergar o presente como “inescapável”. Destaca-se, aqui, a esperança subjacente à utopia. Mais ainda, o texto afirma que a projeção da realidade ideal faz aflorar aquilo que, em benefício da manutenção da ordem vigente, estaria “dormente”. Em outras palavras, a utopia, entendida aqui como esperança, seria condição necessária para a luta por uma realidade melhor.

O terceiro, fragmento adaptado do texto de Karl Mannheim, também mostra enxergar, de certo modo, as utopias como benéficas para a sociedade. Segundo o texto, sem utopia, isto é, sem ter um ideal por que lutar, ou se aprimorar, ou alcançar, o homem perde “a vontade de construir a história e, também, a capacidade de compreendê-la”. Para o autor, a utopia constitui a natureza humana, ou melhor, a define, porque, sem ela, “o próprio homem se transforma em coisa” e torna-se “mero produto de impulsos”. Nessa perspectiva, não é possível, então, a existência de uma sociedade sem utopias, porque faz parte da natureza humana sonhar e projetar novas realidades, sempre mais aprimoradas. Ainda nesse trecho, pode-se inferir o sentido positivo do conceito também pela relação indissociável entre “utopia” e “história”, já que, de acordo com Mannheim, aquela é responsável pela progressão desta.

Na mesma linha dos textos anteriormente analisados, segue o trecho do poema “Cidade Prevista”, de Drummond. Cabe mencioná-lo neste momento, porque ele também destaca uma perspectiva positiva em torno do conceito em apreço: nos versos “Irmãos, cantai esse mundo / que não verei, mas virá / um dia, dentro em mil anos” e “Mas ele será um dia / o país de todo homem”, fica evidente a natureza “realizável”, alcançável, do projeto utópico. Além disso, vê-se que Drummond destaca o papel do fazer poético na propagação dos sonhos e das ideias, o que dá margem para que o candidato trabalhe também com o viés social inerente ao conceito de utopia (cabe questionar, por exemplo, em que medida a noção de conjunto é necessária para a manutenção do caráter “realizável” das utopias).

Até aqui, a coletânea permite uma discussão extensa em torno da baliza “indispensável”. Os outros dois trechos são os que fornecem argumentos para uma discussão acerca dos prejuízos das diversas utopias.

O fragmento adaptado do original de André Comte-Sponville finalmente abre espaço para a defesa de “utopias inúteis”, porque expressa sua ineficácia “quando permanecem como sonhos”. Para o trabalho com essa perspectiva, seria indispensável a associação com o poema de Drummond, para que o candidato pudesse discutir o papel do individual e do social em suas relações com o conceito em questão. É este trecho que também inaugura a possibilidade de se trabalhar com a noção de “nocivo”, uma vez que ele associa a realização do projeto utópico a um suposto perigo.

O último texto desenvolve de maneira mais completa essa questão. A adaptação do texto de Frédéric Rouvillois defende que o

alcance do ideal, seja ele político, seja ele social, pressupõe “um controle total das coisas”, o que indica a natureza totalitária da utopia. De acordo com o trecho, então, conceber uma utopia como um projeto realizável (o sentido positivo do conceito) tem consequências negativas, uma vez que abre espaço para o emprego de medidas injustificáveis, como a violência, para a desconstrução da realidade (cuja ordem é, de todo mundo, calcada numa moral reconhecida) e o alcance do ideal. Ressalta-se que, na verdade, o texto vê a relação entre “utopia” e “totalitarismo” como inevitável, e não somente como uma possibilidade: “a utopia, quando se quer realizá-la, torna-se necessariamente totalitária, mortal e até genocida”.

A análise da coletânea deixa claro que o candidato tinha à disposição, além de elementos externos que julgasse relevantes, reflexões e informações suficientes para o trabalho com as três balizas em separado e em suas diversas relações. Na proposta de 2016, a Fuvest deu liberdade e possibilidade para a expressão de qualquer posicionamento que não fugisse do tema em questão. Coube ao candidato, então, o papel de conduzir uma reflexão por meio de argumentos claros, coesos e coerentes, ou seja, de uma redação bem articulada.

Equipe desta resolução

Português

Aislan Macieira
Bruna Leite Garcia
Bruna Sanchez Moreno
Thiago do Nascimento Godoy

Revisão e Publicação

Eliel Barbosa da Silva
Vanessa Alberto

Digitação e Diagramação

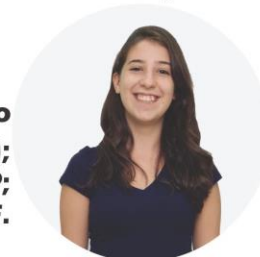
Lucas Gustavo Alves Ferreira



Helena Barbi

Medicina - UNICAMP; Medicina - UFPR;
Medicina - UFF; Medicina - FMJ.

“A principal contribuição do Elite para minha aprovação foram os simulados, que me forçavam a estudar e me ajudavam a perceber quais eram as minhas fraquezas. Definitivamente eles foram essenciais para as minhas aprovações porque me permitiram o contato constante com a situação de vestibular”.



Júlia Fray Ribeiro

Medicina - USP (Pinheiros);
Medicina - UNIFESP;
Medicina - UFF.

“Os professores do Elite são excepcionais e contribuíram muito para que eu conseguisse aprender de fato a matéria. Além disso, as turmas reduzidas são muito boas, pois permitem que cada aluno tire suas dúvidas sem atrapalhar a aula e o professor ainda consegue interagir de forma mais eficiente com cada aluno”.



Isabela Schoenacker Cauzzo

Medicina - UNICAMP;
Medicina - FAMEMA;
Medicina - FAMERP.

“O Elite contribuiu muito para a minha aprovação por conta de toda sua infraestrutura de salas de estudo e por conta de professores excelentes. As turmas direcionadas significam algo positivo também, a meu ver, pois a partir delas, as aulas puderam ser mais focadas em conteúdos que cada pessoa necessita para passar em sua respectiva carreira. As turmas reduzidas também são algo muito bom, pois os alunos acabam tendo mais atenção dos professores e prestam mais atenção à aula”.